

ARTESANATO: UM VALOR CULTURAL A PRESERVAR

Handcraft: a cultural value to preserve

De Carli, Ana Mery Sehbe¹. Doutor. Universidade de Caxias do Sul,
sdecarli@terra.com.br
Brissotto, Paula Andrea Meirelles². APL – Pólo de Moda da Serra Gaúcha
paulabriso@hotmail.com
Roberta Lima³. Pólo de Moda da Serra Gaúcha
atelierobertalima@hotmail.com

Resumo

O trabalho tem como objetivo apresentar o projeto desenvolvido com artesãos, que visa atualizar e preservar o artesanato local valorizando a criatividade, a identidade e a geração de emprego e renda. O projeto é promoção do APL – Polo de Moda da Serra Gaúcha e patrocinado pelo Financiarte, Lei Municipal de Incentivo a Cultura da cidade de Caxias do Sul. A coordenação é feita por graduada e graduanda do curso de Moda da Universidade de Caxias do Sul, e as instrutoras são artesãs experientes.

Palavras Chave:

Artesanato; economia criativa; economia solidária, preservação cultural; identidade.

Abstract

The paper aims to present the project developed with artisans, which intends to upgrade and preserve local crafts valuing creativity, identity and generate employment and income. The project is a promotion of APL - Polo de Moda da Serra Gaúcha - and is funded by Municipal Cultural Incentive. Coordination is done by graduate and undergraduate Fashion students at Universidade de Caxias do Sul, and the instructors are experienced artisans

Keywords: crafts; creative economy; solidarity economy, cultural preservation; identity

Introdução

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica, PUCSP, 2007. Professora do Curso de Moda da UCS. Coordenadora do projeto de pesquisa *Moda no terceiro milênio: novos valores novas práticas*, que ganhou o Prêmio Economia Criativa, 2012, MinC. Co-organizadora do livro: *Moda sustentabilidade e emergência* (2012), entre outras publicações no campo da moda, cultura e comportamento.

² Formada em Tecnologia em Design de Moda pela Universidade de Caxias do Sul, 2010. Artesã nas técnicas de tricô, macramê, bordado em pedraria, montagem e criação de bijuterias. Bolsista pelo CNPQ no projeto Pró-Moda (2010/2011).

³ Formada em Tecnologia em Design de Moda pela Universidade de Caxias do Sul, 2013. Estilista e Figurinista. Estagiária do Projeto - Artesanato: Um Bem Cultural a Preservar 2013/14. Auxiliar no desenvolvimento de figurinos para teatro e dança, 2011/12, na oficina Raquel Cappelletto.

O artesanato é uma das mais tradicionais formas de manifestação cultural. A produção artesanal da região da serra gaúcha tem um saber-fazer especializado de tradição ancestral, porém nem sempre valorizado. Atualmente observa-se uma valorização cada vez maior dos elementos e talentos que compõem o DNA das diferentes sociedades e culturas. Morace (2009, p. 120) diz que o espírito do lugar representado pelas culturas locais deve ser trabalhado para produzir estímulos únicos e ao mesmo tempo universais. As rendas, bordados e tramas artesanais herdadas dos imigrantes, eram utilizadas principalmente na feitura de produtos de uso doméstico, o investimento maior era direcionado aos enxovais. Recentemente, o artesanato é um diferencial que por si só ou agregado a produtos industrializados pode preservar identidade cultural de comunidades, capacitar profissionalmente, gerar emprego e renda, e motivar programas e tecnologias de desenvolvimento social, orquestrados pelo poder público, empresas e sociedade civil. O presente trabalho relata o desenvolvimento do projeto *Artesanato um bem cultural a preservar* proposto pelo APL – Polo de Moda da Serra Gaúcha e aprovado pelo Financiarte, programa da Secretaria de Cultura de Caxias do Sul, que incentiva a cultura no município, através de verbas destinadas a projetos selecionados por edital.

Projeto

O projeto em andamento pretende disseminar as técnicas artesanais de crochê, bordado, patchwork, grampada e macramê com a realização de oficinas ministradas por artesãs especializadas nessas técnicas. Nos objetivos específicos constam: estimular a preservação cultural das técnicas artesanais e formar multiplicadores; incentivar a profissionalização e a geração de emprego e renda.

A proposta inclui quatro oficinas: as duas primeiras, de crochê e de bordado foram realizadas no segundo semestre de 2013; a terceira de patchwork está em andamento e a quarta será nos meses de maio e junho do presente ano. A meta é capacitar oitenta participantes nas oficinas que são realizadas no Banco do Vestuário de Caxias do sul e destinam-se principalmente a mulheres. Cabe abrir um parêntese para informar que o referido Banco, fundado em 2009, tem como objetivos: receber e separar os resíduos têxteis das indústrias de vestuário; dar a destinação apropriada para reutilização ou reciclagem; desenvolver programas de capacitação para o trabalho no segmento têxtil, preparando, principalmente, costureiras, tecelãs e artesãs. (De Ross, Silva e De Carli, 2012, p.80,81).

Justificativa

De Mais, (1999), no livro *A sociedade Pós-Industrial* (trabalha a caracterização das sociedades pré-industrial, industrial e pós-industrial. No quesito “setor econômico dominante”, constata as seguintes etapas: na sociedade pré-industrial a exploração da natureza constitui-se como a fonte de suprimentos, caracterizando uma economia extrativista; 2) na sociedade industrial predomina a economia industrial, a produção, a transformação, a distribuição e o consumo de bens; 3) na pós-industrial despontam muitas economias; a produção de idéias, a pesquisa científica, criatividade, o fornecimento de serviços, a instrução, o lazer, a cultura, a saúde, etc. remetem a “múltiplas economias” em processo de constituição. Aparecem no cenário pós-industrial a economia voluntária, a economia criativa, social, solidária, a economia do terceiro setor, a economia distribuída, entre outras.

Duas destas novas economias competem no projeto aqui descrito. Economia Criativa que abraça os setores cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de valor simbólico, elemento central da formação do preço, e que resulta em produção de riqueza cultural e econômica; o artesanato é uma destas atividades, que necessita o olhar do designer para promover inovações. A criatividade e a cultura estão sendo valorizados como ativos econômicos importantes no mundo contemporâneo. O Brasil em seu território continental registra contrastes, por um lado parques tecnológicos competitivos, pessoas de alto nível de treinamento profissional, por outro lado regiões e comunidades desassistidas e pobres. Sabe-se que as diferenças marcam desenvolvimento e subdesenvolvimento num mesmo território. No entanto, conforme reza a pesquisa *Economia e Cultura da Moda: Perspectivas para o Setor* (2011):

A cultura e a criatividade são características essencialmente humanas, comuns a todos. Vivemos um momento em que esses valores vão deixando de ser coadjuvantes para se tornar protagonistas no cenário econômico e, justamente por esse aspecto, a economia criativa tem sido compreendida como alavanca potencial para um novo tipo de desenvolvimento, socialmente mais justo e inclusivo.

Da Economia Solidária, cuja conceituação está em construção, é possível adiantar que sua origem está em “movimentos que buscam formar alternativas econômicas de sobrevivência das categorias mais pobres relacionadas à luta contra o desemprego e a exclusão social”. Estes movimentos resultam muitas vezes em associações e cooperativas que priorizam os objetivos sociais e os resultados qualitativos em detrimento dos quantitativos e das finalidades econômico-mercantis. (Oliveira, 2010, p.253-255).

O artesanato como objeto deste projeto e o atendimento a mulheres como foco, caracterizam elos entre as duas economias. Além disso, incorporam pressupostos conceituais para o desenvolvimento sustentável, que segundo Vezzoli (2010, p. 139), propõem diretrizes de design de sistemas para a equidade e a coesão social, tais como: aumentar a empregabilidade e melhorar as condições de trabalho; melhorar a coesão social; incentivar o uso e a valorização dos recursos locais entre outras. Para transformar essas ideias em ações é vital aproximar governo, iniciativa privada e instituições de ensino em projetos conjuntos para o desenvolvimento. Na área das artes populares os governos (municipal, estadual, federal) estão abrindo editais de apoio à cultura, enquanto as empresas dispõem verbas e materiais de apoio para projetos que permitem a isenção de impostos, e as universidades, por sua vez, buscam maneiras, experimentam metodologias, para a formação e capacitação das mulheres em setores da economia criativa.

Realidade local

O artesanato, além de representar a cultura regional, é um setor da economia que possui alto potencial de gerar trabalho e renda, merecendo uma política de desenvolvimento sustentável voltada para o setor e associada a projetos sociais e até de desenvolvimento turístico.

Durante a colonização de Caxias do Sul, os elementos geográficos, políticos e econômicos foram construindo características para a região. A religiosidade representou o elemento agregador da sociedade, que utilizou a capela como local religioso e, ao mesmo tempo, social. O artesanato sempre esteve ligado, na região, a uma manifestação ou a um estilo de vida rural, e os artefatos aqui desenvolvidos estavam ligados à necessidade de utensílios para o trabalho ou prendas para a decoração da casa. As cestas de vime tramadas à mão, utilizadas na colheita da uva determinam a vocação para a formação das tecelagens e das malharias, bem como, para as prendas de crochê, tricô macramê.

As dificuldades financeiras no início da colonização e as divisões de trabalho fizeram com que as tarefas ligadas ao lar coubessem às mulheres que costuravam a roupa para toda a família, faziam toalhas para mesa, para o rosto e para o banho (Venzon e Manfredini, 2012), decorando-as com acabamentos de crochê, bordado,

macramê, aplicações e patchwork. Dessa forma, o projeto objetiva disseminar e atualizar os artesanatos citados, através de oficinas ministradas por artesãs que dominam estas técnicas e ao mesmo tempo alçam outros para um patamar mais qualificado.

Metodologia

A metodologia já testada no *Projeto Oficina de protótipos de moda casa e moda vestuário*, UCS (De Carli, 2011) que propõe quatorze encontros, mostrou que a proposta funciona bem com duas aulas por semana proporcionando envolvimento maior das participantes, e garantindo a motivação e união do grupo. A proposição de exercícios e a apreciação sistemática dos resultados funcionam como mote para a garantia da permanência nas oficinas, pois neste meio existe uma taxa de evasão a ser evitada. Os objetivos de valorizar e ensinar o artesanato são atingidos com aulas práticas e teóricas. São cinco aulas teóricas expositivas que abordam os temas: identidade cultural da região; composição e aprimoramento estético; o uso diferenciado do artesanato; visita ao museu municipal para reconhecimento das técnicas artesanais dos imigrantes; empreendedorismo; associativismo e cooperativismo; devem ser mescladas com as atividades práticas de artesanato. As aulas práticas trabalham agulhas, materiais e cores, possibilidades de aplicação do artesanato; exercícios de custo e preço de venda; execução dos protótipos; mostra ou desfile.

É necessário ainda lembrar que a relação com as artesãs em oficinas não comporta imposições; deve-se incentivar o clima de troca de conhecimentos e respeito mútuo, enfatizando os valores particulares no trabalho coletivo. O projeto pretende também proporcionar o desenvolvimento profissional das artesãs como instrutoras.

Optou-se por realizar uma oficina por vez para permitir que: as artesãs participem de mais de uma oficina aprendendo diferentes técnicas; a equipe avalie cada oficina realizada e proponha melhorias; o projeto possa ter visibilidade na comunidade e mais multiplicadores.

Cabe esclarecer que no semestre anterior ao início do projeto *Artesanato um bem a preservar*, as artesãs instrutoras realizaram um curso de extensão promovido pela Universidade de Caxias do sul, que teve como objetivo a qualificação das

artesãs, buscando seu desenvolvimento como instrutoras, além de preservar valores, ampliar a fonte de renda. Essa preparação foi essencial para o bom andamento dos cursos. A seguir comenta-se um pouco sobre os cursos realizados.

Oficina de crochê

Tendo como base de atuação a metodologia proposta, a oficina de crochê teve quatorze encontros, iniciou com dezoito participantes e encerrou com quatorze, a evasão registrada deve-se ao surgimento de trabalho remunerado para algumas alunas; e para outras o curso se mostrou muito básico. A equipe é formada por uma coordenadora, uma bolsista e duas instrutoras de crochê para desenvolver os ensinamentos. Observou-se um desnível no conhecimento da técnica entre os participantes, então os dois primeiros encontros foram realizados para nivelamento da turma. Na mesma lógica decidiu-se que as instrutoras dariam atendimento individual tentando atender as dificuldades dos alunos. A oficina privilegiou o conhecimento básico da técnica artesanal do crochê. Foram apresentadas as agulhas utilizadas para a técnica e os pontos básicos como: correntinha, ponto baixíssimo, ponto baixo, ponto alto, ponto alto duplo, e as possíveis utilizações dos mesmos. Foram ensinadas flores, pantufas, tiaras, sapatinho de neném, entremeios em tecido plano, algumas barras, uma manta feita com quadrados de tecido plano unidos pelo crochê, valeu como exercício lúdico sobre a importância do trabalho de equipe. Depois de exercícios variados a meta de produzir uma toalha de lavabo e uma toalha de rosto por aluno foi 100% atingida, considera-se excelente o resultado.

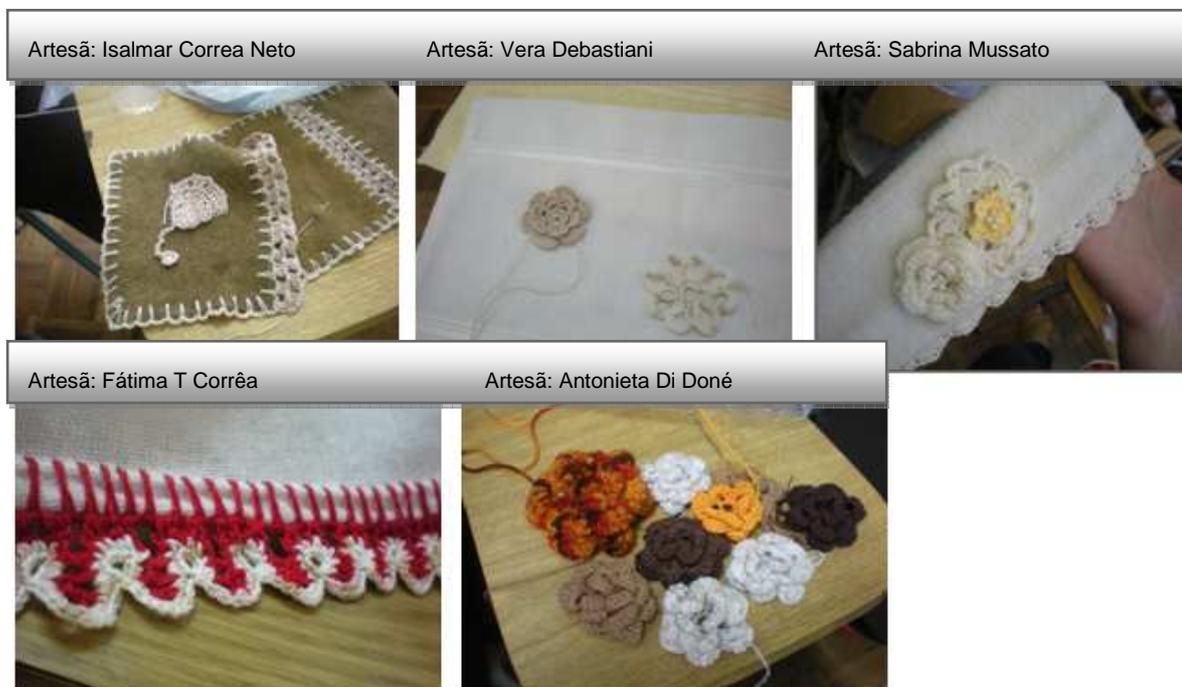
As aulas teóricas tinham como objetivo, a ampliação de informações e de repertório estimulando os participantes a exploração de outros materiais e outras maneiras de utilizar o crochê, deixando de lado o convencional. Uma prova disto foi utilizar tiras de malha circular para trabalhos em crochê. A coordenação teve o cuidado de mesclar os conteúdos teóricos com as práticas respeitando o perfil da alunas, que tem dificuldade em concentrar-se durante muito tempo. Alguns ajustes do plano inicial foram necessários para atender as necessidades dos alunos e as suas avaliações foram positivas e expressando desejo de continuidade.

Na visita ao museu observou-se olhares curiosos e nostálgicos; a aluna Isalmar, 86 anos, reviveu detalhes da sua infância vendo os objetos ali expostos.

Isalmar contou que seu principal objetivo com a oficina era aprender para depois ensinar as senhoras de um asilo, onde é voluntária. Antonieta, que apenas sabia fazer ponto correntinha, teve tal empenho que, ao final do curso, fazia todas as peças e com qualidade. Antonieta relatou o desejo de transformar seu aprendizado do crochê em profissão. A aluna Gabriela de Oliveira, 13 anos, que iniciou o curso para aprender crochê para a moda casa, relata que a convivência com as colegas ajudou-a a superar sua timidez. Vale anotar o saudável relacionamento entre as diferentes gerações desenvolvido nos encontros.

O ambiente do curso sempre foi muito acolhedor havendo auxílio mútuo entre as alunas, sempre entusiasmado e disposto para novos ensinamentos.

Notamos que durante as oficinas, elas não só crochetaavam os fios, mas também suas histórias e sentimentos. As técnicas eram ensinadas de igual forma a todas as alunas, mesmo assim observou-se a peculiaridade e a beleza do artesanato, pois crochetaavam de forma personalizada, emprestando as amostras suas marcas.



Oficina de bordados

O bordado é basicamente a arte de decorar com figuras, utilizando fio e agulha. O bordado pode ser executado manualmente ou a máquina, a máquina pode ser a tradicional, operada com as mãos e com os pés ou uma máquina mais moderna que é computadorizada comandada por um software. Os materiais para bordar e completar o ornamento podem variar, ser mais ou menos sofisticados, alguns exemplos são lantejoulas, pedras preciosas e semipreciosas, sementes, madrepérola, contas de madeira que com a criatividade do bordador valorizam a estética da peça.

O curso de bordado seguiu a mesma metodologia, teve a participação de vinte e quatro alunos, não registrando evasão. A mesma equipe, porém com apenas uma instrutora para ensinar e atender as necessidades particulares. As aulas foram organizadas da mesma maneira que o curso de crochê, aulas com conteúdo teórico mescladas com a prática.

A oficina privilegiou a exploração de vários pontos de bordado. O material apresentado pela instrutora mereceu atenção especial dos alunos pelo capricho e riqueza de informações. Trata-se de um caderno diferenciado com vinte páginas de tecido, cada página mostra pontos, flores, passarinhos, laços, e muitas possibilidades valorizando o bordado.

O professor João Braga considera um luxo manter as tradições, por isso enfatiza que transmitir o saber ancestral é fundamental para todo o processo cultural. Aí reside o valor de ensinamento das técnicas artesanais, mantidas até hoje porque ensinadas de mães para filhas. A fala poética de Braga entende o ensino do artesanato como a prática de transmissão de valores:

O aprendizado por novas mãos requer conscientização, paciência e força de vontade. Para que estas novas mãos aprendam a “escrever” e se tornem tão habilidosas, quanto aquelas que as ensinaram, há necessidades de folhas de um caderno específico que será o local da primeira experiência do aprendiz. Caderno este que não é de papel e nem tão pouco será escrito a grafite ou à tinta. Este caderno de aprendizagem do bordado chama-se “pano de amostra”; será escrito não com lápis ou caneta, mas com agulha, terá no lugar da grafite ou tinta, a linha, a qual possibilitará uma diversidade inimaginável de letras que vão compor palavras, frases e textos que contam histórias e preservam a memória. (Braga, 2006, p. 71.)

Cada aluna da oficina de bordado recebeu seu caderno de algodão cru para registrar seu aprendizado, vinte pontos de saber ancestral foram transmitidos numa vivência de muito significado e “luxo”, segundo Braga.

Este curso auxiliou a Juçânia a bordar roupas para apresentação de sua filha no colégio; muitas alunas reformaram roupas que não usavam mais; Maria, que faz chinelos de pano para vender, utilizou o bordado como diferencial na sua nova coleção. Nesta oficina houve uma aluna à distância, a mãe de Cristiane, que como não podia estar presente acompanhou o curso através da filha, fez todos os pontos concluindo seu caderno de bordado e o curso. A aluna Mirtes, uniu em seu livro as duas técnicas que aprendeu: o bordado e o crochê.

A técnica foi explorada em trabalhos de bordado de linha e alguns bordados em pedraria, as alunas se mostraram interessadas em unir as duas técnicas e aplicaram em suas peças de roupas dando um novo significado a elas.



Neste momento, o projeto está encerrando a oficina de patchwork e nos próximos dias estará iniciando o de macramê e grampada.

Conclusão

Além do aprendizado, as oficinas revelaram uma oportunidade impar de interação social; as aulas, a ajuda mútua, a companhia das colegas, a troca de experiências propiciaram o “crescimento como pessoa” diz Eliude, uma das alunas. Verificou-se também que quando ocorria a falta de alguma aluna todas as colegas se preocupavam em saber o que havia acontecido, revelando companheirismo, valores humanos e sociais. Junto com o ensinamento do bordado foi possível valorizar a cultura, aumentar a empregabilidade e melhorar as condições de trabalho; melhorar a coesão social; incentivar o uso e a valorização dos recursos locais.

Referências

BRAGA, João, 2006. Reflexões sobre moda, volume IV. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2006.

DE ROSS, G.E.; DE CARLI, A.M.S.; PARENTE, F. Transformando resíduo em benefício social - Banco de Vestuário. In: DE CARLI, A.M.; VENZON, B.S.. *Moda, Sustentabilidade e emergências*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2012.

DE CARLI, A.M.S. *Moda, uma pratica de múltiplas economias*. In: DE CARLI, A.M.; VENZON, B.S. *Moda, Sustentabilidade e emergências*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2012.

_____ et al. Design e artesanato: novidade e tradição, um diálogo possível. *Revista Redige*, [ECONOMIA CRIATIVA](#) – Seção de Iniciação Científica, v. 2, n. 2, 2011.

DE MASI, Domenico. A sociedade pós-industrial. São Paulo: Ed. do Senac, 1999.

Economia e Cultura da Moda: Perspectivas para o Setor. Pesquisa organizada pela Iniciativa Cultural – Instituto das Indústrias Criativas e pelo Conselho Nacional de Políticas Culturais (CNPC) e Ministério da Cultura(2011).

MANFREDINI, Mercedes L., e VENZON, Bernardete L. Fragmentos da identidade local como base para o desenvolvimento do design contemporâneo. In: DE CARLI, A.M.; VENZON, B.S.. *Moda, Sustentabilidade e emergências*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2012.

MORACE, Francesco. A globalização e o futuro brasileiro. In: DNA Brasil. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

OLIVEIRA OLIVEIRA, Benedito Anselmo Martins de. Significados acerca das cooperativas populares e suas interfaces com a economia solidária. In: FERREIRA, M. A.; EMMENDOERFER, M. L.; GAVA, R. (Org.). *Administração pública, gestão social e economia solidária*. Viçosa, MG: UFV, 2010.

IDESAM. **Cartilha de Associativismo e Cooperativismo**. 2010. Disponível em: <http://www.idesam.org.br/noticias/informa/2010/pdf/CARTILHA_ASSOCIATIVISMO.pdf>. Acesso VEZOLLI, Carlo> Design de sistemas para a sustentabilidade. Salvador: EDUFBA, 2010.